

PAIGC

PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE

EM NOME DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO
DA ÁFRICA.

EM NOME DO NOSSO POVO.

Discursos proferidos pelo camarada Amílcar Cabral
em Addis-Abeba perante a 8ª Conferência dos Che-
fes de Estado da África (Junho de 1971) e perante
o Conselho de Segurança da ONU (Fevereiro de 1972)

Fevereiro de 1972

Camarada,

Tens aqui, nesta brochura, os discursos feitos pelo camarada Cabral, em Addis-Abeba, perante a 8ª Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da África (OUA, Junho de 1971) e perante o Conselho de Segurança da ONU, reunido na capital da Etiópia em Fevereiro de 1972.

Perante os chefes de Estado e de Governo africanos, o nosso Secretário Geral falou em nome de todos os movimentos de libertação da África. Perante o Conselho de Segurança, falou em nome do nosso povo.

Tanto as delegações e as pessoas que assistiram aos discursos do camarada Cabral, como os jornais e a rádio do mundo inteiro, apreciaram altamente as intervenções do nosso Secretário Geral as quais, segundo a opinião geral, contribuíram para um melhor conhecimento dos problemas maiores enfrentados pelos movimentos de libertação e em particular, da situação, princípios e objectivos da luta.

Esperamos que, como deve ser, vais estudar com a melhor atenção os discursos do nosso Secretário Geral, para elevares a tua consciência política em relação à luta que travamos nos planos africano e internacional, ao serviço da libertação do nosso povo.

Estamos certos de que as vitórias alcançadas pelo nosso Partido no plano internacional, vão contribuir para reforçar a tua firme determinação de dar cada dia mais a tua contribuição para a vitória do nosso povo africano contra os criminosos colonialistas portugueses.

Os Serviços de Informação do PAIGC

Na 8ª Conferência dos Chefes de Estado de África

(Addis-Abeba - Junho de 1971)

Muito respeitados irmãos e companheiros de luta,

Addis-Abeba - a flor nova deste bastião da independência africana que é a Etiópia - está hoje, para nós, mais bela do que nunca. É que a África, os povos africanos, acabam de obter, por vosso intermédio, uma das maiores vitórias desta longa luta pela libertação total do nosso continente.

É, pois, com alegria e uma fé renovada no destino do nosso continente que temos a honra de tomar a palavra para vos dirigir, muito respeitados irmãos e companheiros de luta, estas palavras de saudação fraternal da parte daqueles que, como vós, são os combatentes da causa sagrada da libertação e do progresso do nosso continente, mas devem ainda bater-se pela liberdade dos seus povos.

Temos a honra de saudar, em primeiro lugar, todos os eminentes Chefes de Estado e de Governo aqui presentes, os quais consentiram o sacrifício de participar nesta Conferência, apesar das suas outras múltiplas preocupações. Queríamos agradecer-lhes este acto de solidariedade para com as nossas lutas e dizer-lhes quanto a sua presença aqui para nós é encorajante.

Permitam-nos saudar particularmente Sua Magestade Imperial Haile Selassie I e, através de Sua Magestade, o povo irmão da Etiópia, povo que constitui para nós, desde sempre, uma fonte de inspiração, pois nunca consentiu em ser dominado no seu solo (aplausos prolongados).

Queríamos expressar a Sua Magestade toda a nossa admiração, todo o nosso respeito, o nosso reconhecimento, e lembrar que, desde a nossa infância ou da nossa juventude, segundo os casos, a admiramos muito. Seguimos a sua obra grandiosa pela libertação e preservação da independência do seu povo, e não esqueceremos nunca que Sua Magestade foi o primeiro leader africano a tentar dialogar com Portugal e que, reconhecendo que esse diálogo não conduzia a nada, foi também um dos primeiros a cortar

.../

todas as relações com Portugal e a ajudar os movimentos de libertação. E isso, apesar de que a Etiópia tinha relações antigas, e até ancestrais, com Portugal, desde os tempos inecorriais do Pregos João.

Caros irmãos e companheiros de luta,

Permitam-nos igualmente dirigir algumas palavras ao nosso irmão mais velho, Sua Excelência o Presidente Kaúnda. O ano passado, o portavoz dos movimentos de libertação, Vice-Presidente da FRELIMO, tinha afirmado aqui que os movimentos de libertação estavam encorajados e muito satisfeitos por verem na presidência da CUA um dos seus companheiros, um combatente dos nossos próprios movimentos. Devemos dizer hoje que o Presidente Kaúnda ultrapassou, no seu trabalho, no cumprimento da sua missão todas as nossas esperanças, correspondeu à nossa confiança e deu-nos, uma vez mais, um exemplo fecundo. (Aplausos prolongados). Devemos dizer que, para todos os nossos movimentos, seja qual for o estágio da luta, consideramos o Presidente Kaúnda como um dos nossos dirigentes, como um militante-combatente exemplar da luta para a libertação total da África. (Aplausos). E que, para nós, ele teve, durante o ano findo, o valor de vários batalhões das nossas forças armadas no interior dos nossos países.

Senhor Presidente,

Muito respeitados irmãos e companheiros de luta,

Desejamos igualmente dirigir-lhe algumas palavras, Senhor Presidente. Estamos muito satisfeitos por Vossa Excelência ter sido eleita para a Presidência da CUA. Depois que o conhecemos, toda a gente conhece a sua ponderação, a sua persistência, a sua dedicação à causa da África, a sua compreensão tradicional e, também, a sua obstinação em participar em todas as reuniões, desde o momento em que estas possam servir a África (aplausos prolongados).

.../

Senhor Presidente,

Em nome dos movimentos de libertação reafirmamos-lhe a nossa confiança, a nossa certeza de que vai seguramente fazer um trabalho muito bom para todos nós, para a África inteira.

Saudamos igualmente, fraternalmente, todos os chefes de delegação e as delegações respectivas. Gostaríamos, no entanto, de fazer uma breve referência a certos países africanos aqui representados.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de transmitir os agradecimentos combativos dos movimentos de libertação da África à República da Guiné, ao seu povo heróico e, particularmente, ao seu líder corajoso, o Presidente Ahmed Sékou Touré, pelo seu comportamento colectivo e individual no momento da abominável e criminosa agressão imperialo-portuguesa contra a República independente da Guiné. Queremos afirmar aqui que a resistência guineense e a vigilância do povo guineense nos encorajaram muito, a todos nós, movimentos de libertação. Em nossa opinião, o povo guineense esteve, durante essa agressão, à altura da confiança dos dirigentes guineenses, e estes dirigentes ultrapassaram de maneira exemplar a confiança que o povo guineense tem neles.

Queríamos fazer notar quanto fomos encorajados pela declaração que ouvimos aqui, feita por Sua Excelência o chefe da delegação da Serra Leoa, sobre o facto de o seu país ser agora verdadeiramente independente. Isso encoraja-nos muito na nossa luta e desejamos verdadeiramente que essa independência possa consolidar-se cada dia mais.

Dirigimos uma palavra de solidariedade fraternal e combativa ao povo, ao Governo e aos dirigentes da Argélia. A Argélia deu-nos muitos exemplos. Ela fecundou a independência e a libertação africana com o seu próprio sangue. Hoje, a Argélia bate-se encarniçadamente, como sempre, pela sua independência económica. Nós, movimentos de libertação, seguimos esta nova batalha com muita atenção e estamos prontos a todos os sacrifícios para que a Argélia saia vitoriosa desta nova confrontação. (Aplausos).

.../

Senhor Presidente,

Permita ainda que, em nome dos movimentos de libertação, diga quanto estamos penalizados pelo flagelo que assola uma certa parte da República do Tchad. Em nome dos movimentos de libertação, apresentamos a Sua Excelência o Presidente Tombalbaye as condulências de nós todos e dos nossos povos pelas perdas humanas já sofridas, assim como os nossos votos fraternais por que a República do Tchad e o seu povo, com a ajuda de toda a África, possa vencer o mais cedo possível esse flagelo, e continuar a obra do progresso social, económico e cultural do seu povo (Aplausos).

Senhor Presidente,

Ficámos profundamente sensibilizados pelas homenagens proferidas aqui nesta sala - e particularmente pelo nosso irmão mais velho, o Presidente Kaúnda - à memória imortal do grande africano, grande combatente da liberdade da África que foi o nosso saudoso companheiro de luta, o Presidente Gamal Abdel Nasser (Aplausos prolongados).

É ele o grande ausente desta conferência histórica, infelizmente uma ausência definitiva. Mas nós, Africanos, acreditamos que os mortos continuam vivos, a nosso lado, formamos sociedades de mortos e de vivos. Para nós, pois, o Presidente Nasser está presente nesta sala, e nós atribuímos ao seu espírito uma parte considerável da vitória importante que a África acaba de obter. (Aplausos). Permita-nos dizer que a melhor homenagem que podemos prestar, todos nós, Africanos, à memória do Presidente Nasser, é, por um lado, que os Estados africanos reforcem ainda mais a sua solidariedade para com os povos árabes, lesados nos seus direitos mais legítimos e, particularmente, para com o povo palestino, injuriado na sua própria pátria; por outro lado, que nós, movimentos de libertação, reforcemos cada dia mais o nosso combate, para obtermos a vitória, essa vitória que era uma das maiores esperanças, um dos maiores sonhos do inesquecível Presidente Nasser. (Aplausos).

.../

Senhor Presidente,

Muito respeitados irmãos e companheiros de luta

Depois de tudo o que fizestes aqui durante estes dias, depois das decisões históricas que tomastes, francamente, achamos que não precisamos fazer discursos. Pois falastes, agistes como combatentes da liberdade, como movimentos da libertação. Falastes, pois, por nós, agistes por nós, decidistes por nós (Aplausos).

Permitam-nos simplesmente, embora saiba que o tempo é muito escasso, insistir na importância, no alcance histórico desta Conferência, e fazer notar perante vós que nós, movimentos de libertação, registamos com entusiasmo que há uma mudança qualificativa importante que se opera ou que já se operou no seio da Organização da Unidade Africana. Esperamos que isso se desenvolva cada dia mais, para o bem da África.

Os inimigos da África esperavam a destruição da OUA, os amigos da África receavam, duvidavam. Uns e outros estão surpreendidos. Os inimigos decepcionados, os amigos impressionados. Talvez porque as pessoas se obstinam, no exterior da África, a não conhecer a África verdadeiramente.

Felicitemos, através desta mensagem, os nossos queridos irmãos e companheiros de luta, os Senhores Ministros dos Negócios Estrangeiros, que tão bem souberam trabalhar pelo interesse da África. Permita-me felicitar igualmente, Senhor Presidente, toda a OUA, pela ajuda que ela nos dá na nossa luta.

A ajuda moral, em primeiro lugar, porque, se sabemos todos que a luta de libertação nacional é, na base, um facto cultural, ela é também um facto moral, profundamente ligado ao comportamento colectivo e individual do homem. Consideramos de uma alta importância a ajuda moral que nos dão.

A ajuda política também. Apreciamos todos os vossos gestos, todos os vossos actos políticos a favor das nossas lutas. E consideramos como muito importantes os esforços feitos e os resultados obtidos no plano internacional durante o ano que acaba de terminar.

.../

A ajuda material, naturalmente, cuja utilidade é tão incontestável como a sua insuficiência actual. É um mérito vosso ter assinalado que esta ajuda é verdadeiramente insuficiente. É um mérito particular de Sua Excelência, nosso irmão mais velho, o Presidente Senghor, ter posto este problema em termos muito concretos, muito realistas, e ter exigido um reforço substancial desta ajuda (Aplausos).

Sabemos que todos os Estados africanos enfrentam dificuldades enormes, financeiras, orçamentais, materiais e outras. Não ignoramos a complexidade dos problemas de desenvolvimento em África, mas ^{devemos} mesmo assim perguntar-nos por vezes porque é que a África não ajuda mais. Estamos convencidos de que, a partir deste momento, esta questão deixará de ter base e sentido, porque tomastes compromissos concretos para reforçar a ajuda aos movimentos de libertação. E estais firmemente decididos como nós, a respeitar os vossos compromissos. Tínhamos outras coisas a dizer a este respeito, mas o tempo urge.

Queríamos aproveitar esta oportunidade para felicitar o Secretário Geral da OUA, os seus adjuntos, todo o pessoal da OUA, pelo interesse e a atenção que sempre dispensaram e dispensam aos movimentos de libertação.

Permitam-nos dizer que temos apreciado muito os esforços feitos no sentido de melhorar o trabalho do Comité de libertação. Vamos esperar, com confiança, os resultados dos estudos sobre o documento que foi submetido à vossa apreciação pelo Comité dos 7. Tomareis, certamente, decisões que possam verdadeiramente servir a África. No que respeita ao alargamento do Comité, devemos lembrar aqui que isso talvez seja útil, mas que ninguém esqueça o ditado africano que afirma: não te serve de nada escolher ou procurar uma terceira mulher se não conseguiste satisfazer as duas primeiras. (Aplausos e risos).

Senhor Presidente,

Caros irmãos e companheiros de luta.

Podeis crer que compreendemos muito bem as preocupações que manifestastes sobre o problema da guerra e da paz em Áfri-

ca. Nós somos combatentes da liberdade, não somos guerreiros. Por isso nos preocupamos muito com a paz e, deveis concordar com isso, entre as pessoas que se preocupam com a paz, as preocupadas são naturalmente as que correm todos os dias o risco de morrer. Mas - dizia eu - compreendemos muito bem as vossas preocupações e podemos afirmar-vos que estamos sempre abertos ao diálogo. Mas um diálogo que possa conduzir à negociação, uma negociação que possa levar à realização concreta dos objectivos maiores da nossa luta.

Devemos também afirmar perante vós que compreendemos muito bem a vossa preocupação em relação às "ideologias estrangeiras". Nós, que pegamos em armas para nos batemos pela libertação do nosso povo de toda a espécie de dominação estrangeira, não aceitaríamos nunca a dominação de quem quer que fosse, e fosse qual fosse a ajuda que tivéssemos recebido dos estrangeiros. (Aplausos prolongados). O princípio fundamental da luta para nós todos é que os que se batem pela independência devem primeiro ser independentes em pensamento e na acção (Aplausos).

Senhor Presidente,

Nós, Africanos, gostamos muito de papear, gostamos da discussão e, portanto, do diálogo. Desejamos sempre chegar a uma compreensão mútua. Um exemplo edificante, a nosso ver, foi dado, frente a todos os sofrimentos, pelo povo da Nigéria. E se nós tivéssemos de designar um Africano que possa simbolizar a compreensão, a vontade de unidade e de compromisso construtivo, estareis de acordo comigo para nomear o ilustre Chefe do Estado da República Federal da Nigéria e nosso irmão, o general Gowon (Aplausos).

Contudo, não devemos esquecer nunca, quaisquer que sejam as nossas preocupações de diálogo, de que Alberto Luthuli, prémio Nobel da Paz - um prémio concedido pela opinião internacional, não pela África - morreu ou foi morto sem que pudesse ver o seu povo avançar no caminho da libertação. Em todas as lutas, Senhor Presidente e caros irmãos e companheiros de luta, há pessoas ou combatentes que desesperam, mas os povos não de-

esperam nunca. Deve-se ter confiança nos povos, e nós, combatentes da liberdade africana, nós que estamos prontos a morrer e temos visto camaradas caírem a nosso lado, não temos nenhuma razão para não acreditar nos destinos de África, na capacidade de qualquer povo africano de se libertar totalmente do jugo colonial e racista e de tomar em mãos o seu destino, como o fizestes vós mesmos (Aplausos prolongados).

Nesta perspectiva certa, queremos dar o apoio total dos movimentos de libertação à Declaração que acabou de aprovar sobre o diálogo com a África do Sul. Estamos convencidos de que os diálogos ulteriores entre Africanos, entre os eminentes Chefes de Estado africanos, poderão conduzir a posições mais evoluídas, servindo assim melhor os interesses da África.

Afirmamos aqui igualmente o nosso apoio total aos princípios enunciados pelo nosso irmão mais velho, Sua Excelência o Presidente Senghor, na sua alocução. É no quadro definido por estes princípios que desejamos que se situe a ajuda que a África nos concede. Sabeis bem qual é a ajuda de que necessitamos. Um dia aqui, durante uma reunião africana a alto nível, ouvimos um Chefe de Estado dizer que os países independentes da África não deviam prometer a .lua os movimentos de libertação. Sabeis muito bem que nós não pedimos a lua. Provastes aqui, quer com as vossas intervenções, quer com as vossas resoluções, que estais talvez mais conscientes disso do que nós próprios.

Temos sempre necessidade da vossa ajuda moral: do vosso apoio, da vossa estina, da vossa compreensão fraternal, dos vossos conselhos. Desejamos igualmente que entre nós e vós não haja protocolo. Deveis compreender que não podemos resolver os nossos problemas se, para sermos recebidos por um de vós, tivermos de esperar, por exemplo, um mês, quize dias, até ao momentp em que o protocolo decida da audiência. Apreciamos altamente o respeito que tendes por nós, e o facto de que tenhais permitido, desta vez, que os movimentos de libertação assistam aos vossos debates, encoraja-nos muito.

A ajuda política, a acção diplomática, novas iniciativas no plano internacional, pressões sobre os Governos com os quais tendes relações e que são aliados dos nossos inimigos: tudo isso apreciamos altamente. Esperemos que durante este ano tal actividade se desenvolva mais, de acordo com as resoluções que tomastes.

Pedimo-vos que, de acordo com essas decisões, nenhum Estado possa tratar com os nossos inimigos sem nos consultar, nenhum Estado dialogue com os nossos inimigos, os inimigos da África, em nosso lugar. Compreendemos muito bem que deve haver "compromissos dinâmicos" entre vós, e que isso pode servir a África, mas compromissos, quaisquer que eles sejam, com os inimigos dos nossos povos, podem transformar-se em comprometimentos perigosos para a nossa própria luta, para a causa da libertação da África (Aplausos prolongados).

Esperamos sempre de vós, muito respeitados irmãos e companheiros de luta, esperamos sempre de vós o apoio logístico, de trânsito do nosso material e do nosso pessoal, como o decidistes: o estabelecimento de depósitos de material, onde fôr possível, e até mesmo a criação de bases, onde fôr necessário; a instalação dos vossos países de hospitais e outros meios indispensáveis à luta, que conheceis muito bem e enumerastes. Mas também, e principalmente, a ajuda material. Estamos em guerra, temos necessidade de material de guerra. Não é culpa nossa, nem é talvez vossa tampouco, mas fazemos todos os esforços necessários para que a própria África possa fornecer-nos material de guerra, à semelhança de certos países africanos que já o fizeram.

Mas da ajuda civil também. Há hoje, em certos países, como as colónias portuguesas, vastas regiões libertadas. O povo não luta só por ideias, ele luta para melhorar as suas condições de vida, e depois de ter libertado uma região, o povo pergunta: - E agora, o que vamos fazer? - Então, esperamos de vós uma contribuição eficaz para a resposta a uma tal pergunta. E, finalmente, mas não a menos importante, a ajuda financeira, uma

ajuda vital, porque, como o sabeis, caros irmãos e companheiros de luta, a guerra, mesmo quando é feita por pobres e miseráveis como nós, custa muito caro.

Antes de terminar, gostaríamos de fazer notar que, durante esta Conferência, uma nova luz surgiu, uma nova situação se desenvolveu. É que toda a gente se dá conta agora de que há dois tipos de movimentos de libertação em África: os movimentos de libertação no poder e os que lutam ainda para conquistar o poder. Pois, repetimo-lo, o vosso comportamento durante esta Conferência foi o de verdadeiros movimentos de libertação, o de combatentes da liberdade. E é talvez nesta identidade diferenciada que reside a salvação da África.

Durante esta Conferência, fostes (podemos dizer: fomos) fiéis à memória dos nossos mortos, dos que caíram pela libertação africana ^{que} ~~o~~ não nos esqueceremos nunca. Também fomos fiéis aos princípios que a Carta da OUA definiu desde há oito anos - e essa é uma vitória importante na grande estrada da luta de libertação africana, para o progresso da África.

Saimos, pois, desta Conferência, muito mais confiantes, muito mais seguros da marcha vitoriosa da nossa luta, em todos os planos. Por isso vamos regressar aos nossos países - podemos garantir-vos -, militantes ou combatentes e a qualquer estádio que se encontre a luta, vamos regressar e reforçar a acção, para dar golpes ainda mais duros no inimigo comum, nos inimigos da África.

Viva a O. U. A.!

Viva o movimento de libertação africano !

(Aplausos prolongados)

Na reunião do Conselho de Segurança
(Addis-Ababa - Fevereiro de 1972)

Senhor Presidente,

Antes de começar a minha intervenção, tenho a honra de lhe dirigir as minhas saudações fraternais, desejando-lhe os maiores êxitos nas suas funções como Presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Devo afirmar-lhe que, para nós, no nosso país, durante este mês, é como se o nosso próprio povo estivesse na presidência do Conselho de Segurança, pois que Vossa Excelência é nosso irmão e nós somos companheiros de uma mesma luta. Sonhamos com o dia em que possamos ter o mesmo sentimento, seja qual for o Presidente do Conselho de Segurança.

Sentimo-nos muito honrados, e muito encorajados também, pela oportunidade que se nos ofereceu de podermos ser ouvidos pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Temos plena consciência das responsabilidades que isso implica para nós, como indivíduos, como homens e como combatentes pela libertação do nosso povo africano. Compreendemos, no entanto, que esta possibilidade, este acontecimento, implica ainda mais responsabilidades para o próprio Conselho de Segurança, pois, como diria o poeta, depois deste encontro, "ninguém diga que a verdade não lhe tocou."

Não vamos repetir aqui o que muitos outros oradores já disseram a propósito desta reunião em África, do Conselho de Segurança. Já se disse que é um acontecimento histórico: nós diremos antes que é um acontecimento perturbante. Com efeito, estamos todos perturbados, quer sejamos amigos, quer inimigos do progresso dos povos africanos. Já tivemos a honra, algumas vezes, de falar nesta sala, mas hoje é muito diferente. Sentimo-nos - permitam-me a comparação - como quando, na nossa terra, se entra na floresta sagrada a fim de contactar o grande espírito todo poderoso que, segundo a nossa concepção da moral, sintetiza o bem e o mal e decide sobre o bem e o mal, quer em relação aos indivíduos, quer em relação à colectividade.

Pergunta-se: "O Conselho de Segurança será, para a humanidade, esse grande espírito que sintetiza o bem e o mal? Se assim é, esta reunião é já uma vitória importante do bem sobre o mal. Por isso queremos felicitar a OUA pela decisão que tomou de pedir que esta reunião se fizesse em África; mas felicitamos igualmente o próprio Conselho de Segurança, e especialmente os seus membros permanentes, por terem dado o seu acordo para a realização desta reunião.

Este acontecimento não é apenas uma prova da consciência aguda da importância crescente dos problemas que a África enfrenta, para os destinos da humanidade.

É também, talvez, a aurora de uma etapa nova, na vida da Organização das Nações Unidas ao serviço da humanidade. É seguramente a prova de que, se os princípios forem respeitados, vós sois, vós, membros do Conselho de Segurança, nossos companheiros de luta; nós, que somos e continuamos a ser, até à vitória, soldados anónimos da causa da ONU, embora não tenhamos ido nem ao Congo, nem a Chipre, nem ao Médio Oriente, e não tenhamos utilizado nunca os capacetes azuis. Quem não compreendeu este facto - o nosso carácter de soldados anónimos da ONU - não compreendeu nem os princípios da própria ONU nem os objectivos da libertação nacional.

Não comparecemos perante vós para acusar seja quem for, nem sequer o particularmente retrógado colonialismo português. Quem é que de facto não sabe hoje que os colonialistas portugueses cometeram e cometem, em nome da civilização cristã e ocidental, crimes abomináveis contra os povos africanos? Quem não sabe que a pretensa sociedade multiracial, assim como as pretensas reformas do colonialismo português não são mais do que tentativas grosseiras de perpetuar a exploração colonial do nosso povo, ao mesmo tempo que procuram camuflar um racismo primitivo que, em todos os tempos, caracterizou a presença portuguesa em África?

Basta conhecer um pouco a história do colonialismo português, de Afonso de Albuquerque ao sinistro general Spínola, pa-

ra se saber que o colonialismo português se caracteriza por crimes e por um desprezo constante pelo homem africano. Basta lembrar que Salazar afirmou claramente : "A África não existe". Basta ler as lições de direito colonial proferidas pelo Dr. Marcello Caetano, na Universidade de Lisboa, nas quais, com base em argumentos semelhantes aos de Gobineau, de Levy-Bruhl e dos nazis, ele demonstra que o Negro é inferior ao homem português. Basta ler as recentes lições do general Kaulza de Arriaga dadas ao Alto Comando sobre a estratégia portuguesa, nas quais ele afirma textualmente: "Os povos africanos são, de todos os povos do mundo, os menos inteligentes". Basta, enfim, conhecer os crimes quotidianamente praticados pelas tropas colonialistas portuguesas de ocupação no nosso país, contra os homens africanos, na guerra colonial.

Convidámos este ano a Assembleia Geral da ONU a enviar ao nosso país uma delegação, a fim de conhecer a realidade da nossa terra. Acatamos de ouvir o Presidente do Comité de Libertação; gostaríamos, perante vós, de dar todo o apoio à proposta que ele fez sobre uma visita de uma delegação do Conselho de Segurança ao nosso país.

Para nós, para o nosso povo africano, o tempo das acusações verbais já passou, o tempo das lamentações também passou para sempre. Precisamente porque o nosso povo compreendeu a inutilidade das acusações e a nulidade dos queixumes, ele pegou em armas para responder à violência criminosa do colonialismo português e para se libertar do jugo estrangeiro, conquistar a sua independência e reconquistar o seu direito inalienável e ter a sua própria história. Apesar dos esforços e dos sacrifícios que isso implica, é o que estamos a fazer com um êxito encorajante, e é o que faremos até à vitória final, ao serviço do nosso povo, claro está, mas também ao serviço da África e da humanidade, em defesa dos princípios das Nações Unidas.

Também não estamos aqui para acusar os aliados de Portugal e do Governo português, nem para lembrar que a ONU e o Conselho de Segurança, - se não fossem as limitações impostas pelas contradições internas - podiam ter feito muito mais a favor da

libertação do nosso povo. Nem isso seria elegante da nossa parte, nem estaria de acordo com a tradição africana, segundo a qual não devemos embaraçar os hóspedes.

Nem isso seria necessário porque, quem ignora que Portugal, país sub-desenvolvido e o mais atrasado da Europa, não poderia empregar cerca de 50% do seu orçamento anual na guerra colonial e sustentar durante anos três guerras contra os povos africanos, sem a ajuda dos seus aliados?

Quem não sabe que Portugal, que não fabrica sequer aviões-brinquedo para crianças, utiliza contra nós aviões, helicópteros, barcos de guerra e as armas mais modernas que lhe fornecem os seus aliados?

Quem não conhece os nomes dos aliados de Portugal, ao lado dos racistas da África Austral?

Quem pode, honestamente, acreditar que o Governo de Portugal, que não respeita nem as regras nem os princípios da NATO, deixaria as armas e outros materiais que recebe desta organização cobrirem-se de ferrugens, quando lhe são necessários para reprimir as nossas aspirações à liberdade?

Quem poderá crer que o Governo português não vai utilizar os milhões que recebe a título de ajuda económica e financeira para a continuação da guerra colonial contra os povos de África, quando o próprio Marcello Caetano afirma nos seus discursos que ele tem necessidade de dinheiro para continuar a guerra?

Uma norma elementar da segurança pública é não dar armas aos criminosos e aos loucos. Parece-nos que esta norma é inteiramente aplicável ao louco criminoso internacional que é o Governo português. Por isso mesmo, já não nos interessa perguntar porque é que os aliados de Portugal fornecem armas e ajudam o Governo português. Sabemos todos porquê. O que é interessante perguntar presentemente é: porque é que os países que pretendem ser (ou se proclamam) os campeões da liberdade, da democracia e do progresso dos povos não nos ajudam na nossa luta pela liberdade, a democracia e o progresso?

Se a resposta for a mesma, se as razões forem as mesmas, então dois aspectos se tornarão claros para nós: primeiro, que a coerência com os princípios é uma palavra vã e destinada a enganar os ingênuos políticos. Em segundo lugar, que entre aqueles que se proclamam amigos da África há os que não o são, muito pelo contrário.

Apesar da nossa já longa experiência na matéria, estamos convencidos de que os resultados desta reunião ajudarão de maneira decisiva a compreender mais esta questão. Pois, como dizia um ditado do nosso povo, "seja qual for o tamanho da tua mão, ela não conseguirá tapar-nos o céu".

Também não estamos aqui - isso vai certamente surpreender alguns dos nossos irmãos africanos - para pedir que Portugal seja expulso da ONU. Primeiramente, não confundimos a nação portuguesa com o regime português actual, embora ele exista há quase meio século; em segundo lugar, parece-nos que os interesses de alguns membros do Conselho de Segurança, em Portugal mesmo e nas colónias, não lhes permitiriam apoiar tal medida, e nós fazemos o possível por ser realistas; em terceiro lugar, em nossa opinião, tal medida não seria eficaz. Francamente, o nosso objectivo não é libertar a ONU de Portugal, mas libertar a nossa pátria africana da dominação colonial portuguesa e conquistar a nossa soberania nacional e internacional.

Além disso, quem não sabe que o Governo de Portugal é fascista, inimigo da democracia e das liberdades fundamentais?

Quem não sabe que o próprio povo de Portugal não beneficia dos mais elementares direitos do homem?

Quem não sabe que o Governo de Portugal não respeita a Carta e os princípios da ONU, assim como não respeita os princípios proclamados pela Carta da NATO?

Expulsar Portugal da ONU? Não é Portugal que conta para nós, é a atitude do Conselho de Segurança, nomeadamente dos membros permanentes deste Conselho. Churchill dizia que cada povo tem o Governo que merece. Nós poderíamos parafrasear e dizer: "Cada organização tem os membros que merece".

Quanto a nós, o problema hoje não é o da expulsão de Portugal, é, sim, o de reconhecer que o Governo português já não tem o direito - se é que alguma vez o teve - de representar o nosso povo no seio das Nações Unidas, do mesmo modo que ele não tem o direito de representar o nosso povo no seio da OUA. É o problema de reconhecer que o único, verdadeiro e legítimo representante do nosso povo africano da Guiné e Cabo Verde é o nosso Partido, o P.A.I.G.C.. É finalmente o problema da admissão da nossa nação africana no seio da ONU.

Esse é o problema imposto pela situação concreta que existe no nosso país. É o problema que a OUA, os Estados africanos e todas as forças anti-colonialistas do mundo resolveram, ao reconhecerem o nosso Partido como o único e verdadeiro e legítimo representante do nosso povo. É este problema que a Organização das Nações Unidas e o Conselho de Segurança, mais particularmente os seus membros permanentes, têm de encarar, para o resolverem com coragem, se de facto querem dar uma contribuição política efectiva à libertação do nosso povo.

Quanto a nós, ao mesmo tempo que intensificamos a acção armada indispensável para terminar a libertação do nosso país, estamos a tomar as medidas políticas necessárias para levar a cabo essa libertação.

Tal é a situação no nosso país. Todos a conhecem em geral, porque temos sempre informado as Nações Unidas. O nosso povo da Guiné autodeterminou-se ao longo de nove anos de luta armada imposta pelo colonialismo português. O nosso povo, em consequência dessa auto-determinação, é já soberano em mais de dois terços do território nacional. A nossa situação é comparável à dum Estado independente que tem certas partes do território nacional ocupadas por forças estrangeiras. Temos no nosso país todos os órgãos dum Estado em desenvolvimento.

Enfrentando as bombas criminosas dos colonialistas portugueses, estamos a construir uma vida nova de justiça, de trabalho e de democracia nas nossas regiões libertadas. Neste mesmo momento, estamos a preparar-nos para eleger em breve os con-

selhos regionais e a primeira Assembleia Nacional Popular do nosso povo na Guiné.. Tiraremos todas as consequências desse acto de soberania. Ajudaremos assim a própria ONU e todos os nossos amigos a ajudar-nos mais. Os colonialistas portugueses, naturalmente, estão desesperados e aumentam cada dia os actos de terrorismo contra as nossas populações.

Em Cabo Verde, de novo se faz sentir intensamente uma situação de fome. A situação política evoluiu muito favoravelmente e estamos decididos, no caso de os portugueses se obstinarem nos seus crimes, a utilizar todos os meios para libertar a população das Ilhas. Os portugueses recorrem à mentira para tentarem convencer os seus aliados de que nós pretendemos libertar as Ilhas de Cabo Verde para fazer delas uma base das potências comunistas.

Declaramos perante o Conselho de Segurança que, depois de nos libertarmos dos colonialistas portugueses, não nos submetemos nunca à dominação de quem quer que seja e estaremos sempre prontos a defender-nos contra todas as tentativas de dominação do nosso povo.

A nossa luta é muito difícil e já longa, mas ela não é inútil, bem pelo contrário. Já fizemos muitos progressos, e interessará certamente ao Conselho saber, por exemplo, que formámos muitos quadros. Mais de 400 jovens, rapazes e raparigas da nossa terra, estudam em diferentes países a fim de se tornarem os quadros de amanhã. Mas, neste momento, vários quadros já regressaram ao país. Enquanto em 1960 eu tinha o triste privilégio de ser o único agrónomo da nossa terra entre os 14 universitários que os portugueses formaram em 500 anos de presença no nosso país, hoje somos já uma dúzia de agrónomos e mais de trinta estão a ser formados.

Para nós, a perspectiva da luta é continuar a bater-nos até à vitória. Estamos decididos a tudo. Temos os meios necessários para dar golpes cada dia mais duros ao colonialismo português. Contudo, não somos guerreiros. Amamos a paz, detestamos a guerra, mas queremos ser livres. Não somos contra Portugal. Já o repetimos mil vezes. Somos contra o colonialismo português.

Queremos ter as melhores relações com Portugal depois da independência. Estamos convencidos de que isso é do próprio interesse do nosso povo, mas temos também o direito de ter relações com todos os outros povos do mundo para o bem e o progresso do nosso povo.

Queremos construir, à custa dos nossos próprios esforços e sacrifícios, mas ajudados por todos aqueles que podem ajudar-nos, o progresso do nosso povo.

Queremos repetir diante de vós que nunca confundimos colonialismo português e povo de Portugal. O povo de Portugal é nosso aliado; o povo de Portugal está hoje consciente de que a guerra colonial é um crime, não só contra o nosso povo, mas contra ele próprio. Nós fazemos tudo, através desta luta, para reforçar a nossa solidariedade com o povo português que já decidiu utilizar até mesmo meios violentos contra a máquina de guerra colonial portuguesa.

Repetimos mais uma vez: somos pelo diálogo. Mas até agora, o Governo de Portugal só tem querido dialogar por meio de armas. A qualquer momento, repetimo-lo, estamos prontos para negociar e ficamos gratos ao Conselho de Segurança se ele nos ajudar nesse sentido.

De que ajuda necessitamos? Necessitamos de uma ajuda moral. Pedimos aos membros do Conselho de Segurança, às Nações Unidas, que não nos sejam hostis, que permitam que circulemos nos seus países: não podemos compreender que, por exemplo, um país como a França - país da liberdade, da fraternidade, da igualdade, que nós admiramos muito - não nos permita penetrar no seu território. Estamos a fazer na nossa terra o que De Gaulle fez pela França quando este país estava ocupado pelos nazis.

Necessitamos da ajuda material dos organismos especializados da ONU e já começamos a recebê-la: a UNESCO ajuda-nos e temos uma perspectiva de ajuda por parte da UNICEF. Gostaríamos que o Conselho de Segurança reforçasse essas perspectivas e as concretizasse o mais possível, pois temos uma grande obra de reconstrução nacional a desenvolver.

Antes de terminar, permitam-me agradecer ao Conselho

de Segurança e a cada um dos seus membros por tudo o que fizeram até agora a favor da nossa luta. Agradecemos particularmente aos membros deste Conselho que ajudam materialmente a nossa luta de libertação, que ajudam praticamente o nosso povo a libertar-se. Refiro-me particularmente à União Soviética, à China e à Jugoslávia, aqui presentes. Evidentemente, não me esqueceria de agradecer também aos nossos irmãos africanos que nos ajudam.

Desejamos que, através da Argentina, e do Panamá, toda a América Latina continue a desenvolver o espírito de Bolívar e dos outros grandes heróis patriotas nacionalistas da América Latina, e venha em nossa ajuda. Desejamos que, através do Japão, - que dá um exemplo extraordinário da possibilidade que têm os povos de pôr de se desenvolver e avançar - a Ásia possa ajudar-nos cada dia mais.

Apoiamos inteiramente tudo o que disseram aqui os oradores africanos que nos precederam, nomeadamente os ilustres oradores africanos como Sua Magestade Imperial Haile Selassie I. Apoiamos as propostas feitas pelo nosso irmão mais velho, o Presidente Ould Daddah, assim como as propostas contidas na mensagem do Presidente Sékou Touré. Apoiamos todos os discursos dos delegados africanos aqui presentes e as propostas feitas pelo Presidente do Comité de Libertação da África.

Apresentamos as propostas concretas seguintes: 1) os membros permanentes do Conselho de Segurança devem tomar em mãos o problema da ajuda aos movimentos de libertação. Podem pôr-se de acordo para exigirem de Portugal que proceda à descolonização. Portugal é um país ~~nao~~, como diz um ditado da nossa terra, "contanto que tenhas uma piroga, não é o olhar hostil do crocodilo que poderá impedir-te de passar".

2) Proponho que se imponha um prazo para a liquidação definitiva do colonialismo português e que uma delegação do Conselho de Segurança visite Marcello Caetano e lhe proponha concretamente iniciar negociações, na sede da ONU, por exemplo, com os movimentos de libertação das colónias portuguesas, os movimentos autênticos que representam verdadeiramente os povos dessas coló-

nias. 3) Se Portugal responde negativamente, a ONU deve dar-nos toda a ajuda necessária para desenvolver a nossa luta e libertar o nosso país.

Quanto a nós, faremos o possível para vos ajudar a nos ajudar, e estamos certos de chegar à independência.

Addis-Abeba regista com esta sessão do Conselho de Segurança mais um facto muito importante. Depende de vós, deste Conselho de Segurança, fazer deste facto um acontecimento histórico ou relegá-lo aos anais do turismo político. Estamos confiantes e encorajados por esta sessão e devemos dizer-vos aqui, à maneira da plebe romana dirigindo-se aos grandes de Roma: "Qui judicatis terram deligite justicia", Vós que tendes a capacidade e o privilégio de julgar neste mundo, não poupei esforços para que a justiça seja feita.

Neste mesmo momento, em que apesar das contradições que existem no mundo - contradições de ideologia, de sistema social e político - há contactos entre os polos mais opostos, e em que esses contactos se desenvolvem; neste mesmo momento em que certas nações sonham conquistar o cosmos, por meio da cooperação, dum trabalho colectivo, para aí senearan as esperanças do homem - não é muito pedir-vos que, antes de partir para a nebulosa Andrómeda ou para outras zonas do Universo, nos ajudei concreta e realmente a libertar o nosso povo do flagelo do colonialismo português. Pois nós queremos, como todos vós, participar na grande aventura humana quer nesta Terra, quer através do Universo, como homens dignos de uma nação livre e soberana.
